

Entre o sacerdócio e a pesquisa histórica: a trajetória de Padre Luiz Sponchiado na Quarta Colônia de imigração italiana-RS

Juliana Maria Manfio ¹
Vitor Otávio Fernandes Biasoli ²

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhranpuh.v9i27.32002>

Resumo: O presente trabalho tem como interesse compreender como Padre Luiz Sponchiado atuou e articulou suas ações nos campos político e cultural em prol da construção de uma “identidade italiana na Quarta Colônia”. Tal espaço localiza-se na região central do Rio Grande do Sul e recebeu imigrantes italianos no final do século XIX. Para desenvolver essa pesquisa, foram analisadas e questionadas as fontes, as quais foram confrontadas com a historiografia da imigração italiana. Utilizou-se especialmente os manuscritos de Padre Luiz Sponchiado, os registros dos livros de genealogia produzidos por ele, suas correspondências, recortes de jornais, entre outros documentos que foram encontrados no Centro de Pesquisas Genealógicas (CPG – Nova Palma), acervo criado e organizado pelo próprio sacerdote. O estudo evidenciou a forma como o pároco construiu a história da Quarta Colônia e como auxiliou na reafirmação de uma identidade italiana, sendo comum entre os moradores dessa região. As discussões da historiografia e o método de análise das fontes permitem entender que a trajetória desse indivíduo se tornou recurso essencial para reconstituir o contexto histórico da Quarta Colônia, dos acontecimentos e da dinâmica vivida nesse espaço, na medida em que Padre Luiz Sponchiado foi capaz de agir e transformar o local da forma mais oportuna, correspondendo às circunstâncias vividas pelos antigos núcleos de colonização para a reafirmação de uma identidade, com matriz italiana.

Palavras-chave: Padre Luiz Sponchiado; Quarta Colônia de imigração italiana; Identidade; Igreja Católica

¹ Licenciada em História pelo Centro Universitário Franciscano (2013); Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Maria e Doutoranda em História pela Universidade do Vale dos Sinos e bolsista CAPES/Prosup. Email: jumanfio@hotmail.com

² Doutor em História pela USP e professor aposentado na Universidade Federal de Santa Maria - RS. E-mail: vbiasoli@gmail.com

Between the priesthood and historical research: the trajectory of priest Luiz Sponchiado in Quarta Colônia of italian immigration

Abstract: This work has the interest to understand how priest Luiz Sponchiado acted and articulated their actions in the political and cultural fields for the construction of an "Italian identity on the Quarta Colônia". Such space is located in the central region of Rio Grande do Sul and received italian immigrants in the late nineteenth century. To develop this research, the sources were analyzed and questioned, which were discussed with the historiography of italian immigration. It was used source as main the Priest Luiz Sponchiado manuscripts, records of genealogy books produced by him, his correspondence, newspaper clippings, and other documents that were found in the Centro de Pesquisas Genealógicas (CPG - Nova Palma), collection constructed and organized by the priest himself. The study showed how the priest construct the history of the Quarta Colônia and as assisted in the reaffirmation of an Italian identity common among residents of the region. Discussions of historiography and sources analysis allow understand the individual trajectory, essential resource to reconstruct the historical context of the Quarta Colônia, and dynamics of events experienced in this space, in that priest Luiz Sponchiado was able to act and transform the location of the most timely manner, corresponding to the circumstances experienced by older colonization cores for the reassertion of an identity matrix with Italian.

Key-words: Priest Luiz Sponchiado; Quarta Colônia Italian immigration; identity; Catholic Church.

Entre el sacerdocio y la investigación histórica: el camino del vicario Luiz Sponchiado en Quarta colônia de inmigración italiana-RS

Resumen: Este trabajo es entender cómo el interés vicario Luiz Sponchiado actúa y articula sus acciones en los ámbitos políticos y culturales para la construcción de una "identidad italiana en la Quarta Colonia." Este espacio se encuentra en la región central de Rio Grande do Sul y recibió inmigrantes italianos a finales del siglo XIX. Para desarrollar esta investigación, se analizaron las fuentes e interrogados, que se enfrenta a la historia de la inmigración italiana. Utilizamos especialmente los manuscritos del vicario Luiz Sponchiado, los registros de los libros de genealogía producidos por él, su correspondencia, recortes de periódicos y otros documentos que se encontraron en el Centro de Pesquisas Genealógicas (CPG - Nova Palma), colección creada y organizada el mismo sacerdote. El estudio mostró cómo el sacerdote construyó la historia de la Quarta Colonia y que ayudó en la reafirmación de una identidad italiana, siendo común entre los residentes de la región. Las discusiones de la historiografía y el método de análisis de las fuentes nos permiten comprender que el camino a ese individuo se ha convertido en un recurso esencial para reconstruir el contexto histórico de la Quarta Colonia, eventos y dinámicas vivían en ese espacio, en el que el vicario Luiz Sponchiado fue capaz para actuar y transformar el sitio en el momento oportuno, lo que corresponde a las

circunstancias experimentadas por los centros de colonización antiguos para la reafirmación de una identidad con la matriz italiana.

Palabras clave: Vicario Luiz Sponchiado; Quarta Colônia de imigração italiana; Identidade; Igreja Católica

Recebido em 19/05/2016 - Aprovado em 12/09/2016

Introdução

Padre Luiz Sponchiado nasceu em Novo Treviso, em 22 de fevereiro de 1922. Era neto de imigrantes italianos, estabelecidos na Quarta Colônia, no final do século XIX. Depois de viverem mais de 30 anos nesse local, a família migrou para a região noroeste do RS em 1925. Entretanto, Nova Palma foi o lugar escolhido pelo padre para residir grande parte de sua vida, a qual foi dedicada à religiosidade, às questões sociais, culturais, políticas e econômicas – extrapolando o campo de atuação de um sacerdote e envolvendo-se em ações em prol da comunidade da região.

Nesse estudo, buscou-se investigar a trajetória de padre Luiz Sponchiado, na medida em que as suas ações político-religiosas e culturais contribuíram para a construção da história das famílias da Quarta Colônia e em que forma resultou no reforço de uma identidade italiana. Para isso, buscou-se analisar as seguintes fontes: os manuscritos de padre Luiz Sponchiado, jornais, folders, correspondências, processos-crimes, entre outros materiais. Essa documentação foi encontrada no Centro de Pesquisas Genealógicas (CPG) de Nova Palma, no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRs) e no Arquivo Público do Rio Grande do Sul (APERS). Porém, elegeu-se os manuscritos do sacerdote como principais, por acreditar ser um meio de compreender a forma como o pároco conduzia a escrita e a história de sua família, de sua vida, bem como a dos moradores da Quarta Colônia.

A justificativa dessa pesquisa está em estudar uma trajetória de vida, que permite explicar parte do contexto histórico de determinado tempo e espaço, no qual o sujeito agiu, estabeleceu suas relações e estratégias para alterar o meio. Dessa maneira, reconstituir e avaliar a trajetória de padre Luiz Sponchiado na Quarta Colônia de Imigração Italiana possibilita vislumbrar e compreender os elementos da dinâmica sociocultural dessa região, assim como as possibilidades dos indivíduos atuarem e intervirem nessa sociedade. É uma maneira de abordar as ações de um sujeito, bem como as transformações econômicas, políticas, sociais e culturais de uma localidade específica.

Para uma melhor compreensão, esse artigo foi dividido em três momentos: *A decisão de emigrar: o processo migratório no RS a partir da família Sponchiado*, que aborda o movimento migratório no Rio Grande do Sul, as estratégias de partida e sobrevivência na Itália e nos lotes colônias gaúchas, como também a circulação de imigrantes e descendentes de italianos nas regiões de colonização, a partir da família Sponchiado. No segundo momento, *Da instrução escolar ao sacerdócio: meios e possibilidades da vocação religiosa*, que tratado interesse da família Sponchiado em enviar o menino Luiz Sponchiado para a escola e, na sequência, investir na sua ida ao seminário, como também compreender o

papel desempenhado pelos padres em pequenas comunidades. E, por fim, *A (re)invenção da Quarta Colônia*, que desenvolve as forma e os meios encontrados por padre Luiz Sponchiado para construir a história das famílias de imigrantes e descendentes de italianos na Quarta Colônia, criando uma memória local voltada aos antepassados e reconfigurando e consolidando uma identidade de matriz italiana.

A decisão de emigrar: o processo migratório no RS a partir da família Sponchiado

No final do século XIX, a família Sponchiado emigrou para o Sul do Brasil, com o intuito de ter melhores condições de vida. Este grupo familiar vivia em Carbonera, na Província de Treviso, onde possuíam um açougue. Provavelmente enfrentava dificuldades, como os altos impostos na venda da carne, situação vivenciada por uma maioria de italianos, pois a nova conjuntura econômica que passava a vigorar no território italiano recém-unificado prejudicava ainda mais os pequenos proprietários e donos de pequenos negócios.

Com o avanço do capitalismo e de novas formas de produção adotadas na recém unificada Itália modificou-se as realidades econômica, social e política. A população camponesa, bem como de pequenos comerciantes foram as primeiras a sofrer com as transformações. No meio urbano, houve um crescimento na área industrial. E para abastecer com matéria-prima as fábricas, ocorreram investimentos nos latifúndios, reduzindo o espaço do pequeno proprietário que encontrou na venda da propriedade e na emigração para a América, alternativas para a sobrevivência, bem como resistência em relação ao avanço do capitalismo. Dessa forma, alguns fugiram da miséria que assolava os campos e as cidades. Outros procuraram melhores chances de trabalho no cenário urbano. E sem esquecer que havia aqueles que buscavam na aquisição de lotes de terras a oportunidade da ascensão econômica. Por isso, muitos decidiram emigrar, com o intuito de melhorar as condições de vida (ZANINI, 2006); (MAESTRI, 2005).

Além disso, teriam ainda uma segunda forma de ganhar dinheiro: empregavam-se na retirada de materiais como areia e pedras para a construção de estradas. Além disso, cuidavam de velórios noturnos. Eram as atividades informais a fonte de dinheiro extra para o grupo familiar – pois não tinha propriedade rural e sobreviviam de forma precária. A família vivia economicamente através do açougue que possuía e dos trabalhos informais que eram praticados por alguns membros do clã. Segundo Herédia (2010, p.219), “construiu-se uma hipótese de trabalho que pressupõe que nem todos os italianos eram camponeses; que um número considerável trazia experiências anteriores, baseada no trabalho artesanal, oriundas de tradições mantidas por gerações, que se tornaram ofícios nas áreas de imigração”.

Com as dificuldades que se abatiam pelo norte italiano e com os rumores da emigração e da possibilidade de tornarem-se proprietários de terra, é provável que a família Sponchiado tenha decidido emigrar. No entanto, o ato de emigrar era um comportamento usual entre as populações do norte italiano. Tinha-se o hábito de emigrar em busca de trabalho para melhorar as precárias condições de vida

Contudo, foi em uma carta enviada pelos Dottos – italianos que haviam imigrado para o Sul do Brasil – que a possibilidade de emigrar tornou-se concreta. Os compatriotas que já haviam imigrado no Brasil avisavam que havia trabalho bem remunerado próximo ao núcleo de colonização. Dessa forma, a troca de correspondências entre os que haviam partido da Itália e os que permaneciam no país tornou-se outro meio que possibilitou a emigração, cercada de determinadas garantias.

As cartas traziam informações sobre as oportunidades do outro lado do oceano. Segundo Vendrame (2013, p. 439), tanto na península itálica quanto no sul do Brasil, percebeu-se a utilização das cartas por partes dos camponeses como recurso valioso de circulação de notícias. Desse modo, é possível perceber o quanto as ligações entre os imigrantes e aqueles que haviam permanecido nos lugares de origem influíram na adesão à emigração definitiva.

Com a desconfiança do que poderiam encontrar no Brasil, a família Sponchiado resolveu enviar apenas um membro da família – Luigi Sponchiado, solteiro, de 27 anos. O rapaz, ao imigrar, poderia obter informações sobre o estabelecimento dos contrerrâneos, contando sobre as vantagens e desvantagens da instalação em território brasileiro. Nesse sentido, Vendrame (2013, p.439) afirma que as decisões de emigrar “não se assentavam apenas sob iniciativas individuais, pelo contrário, eram traçadas a partir de projetos coletivos que incluíam a família extensa e a parentela”.

No Rio de Janeiro, Luigi desembarcou no dia 8 de agosto de 1885. Foi identificado no item “profissão” como “trabalhador”. O rapaz veio juntamente com um grupo de italianos, que partiu ainda no mesmo mês para Porto Alegre. Da capital até sede da ex-colônia Silveira Martins utilizaram transporte fluvial e ferroviário³. Ao chegar à região colonial, Luigi empregou-se na estrada de ferro, no trecho entre Arroio do Só e a Estação Colônia. Nos dias em que tinha folga, o rapaz era ‘acolhido’ pelas famílias Dotto e Pozzobon, no núcleo Vale Vêneto. Entretanto, ao analisar alguns recibos encontrados no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, constata-se que os imigrantes já estabelecidos na colônia alugavam suas casas para àqueles que estavam chegando. O aluguel era pago pela comissão de medições de terra. Dessa forma, questiona-se a “acolhida” como uma ação de solidariedade entre as famílias de imigrantes italianos.

É provável que nas rodas de conversas com essas famílias tenha ficado sabendo que os contrerrâneos estavam recebendo os lotes de terra do governo. A colônia Silveira Martins foi criada em 1877, quando chegaram os primeiros imigrantes. Com a possibilidade de receber terras e tornar-se proprietário, Luigi enviou uma carta aos familiares dizendo que eles poderiam embarcar para o sul do Brasil, pois receberiam um lote de terra e estariam isentos do serviço militar. Dessa forma, o uso da correspondência possibilitava mudanças menos incertas para a América (VENDRAME, 2013).

³Nesse período, o quarto núcleo de colonização italiana no RS [.] já havia sido emancipada e tripartida entre os municípios de Santa Maria, Cachoeira do Sul e Júlio de Castilhos. Além disso, o transporte fluvial era realizado pelo rio Jacuí e, a partir de 1885, com a inauguração da estação ferroviária em Santa Maria e o avanço da estrada de ferro entre a Capital e a Fronteira, o trem também passa a ser utilizado.

Como outros grupos familiares e indivíduos que experimentaram o processo, os Sponchiado ao receber a carta de Luigi, decidiram emigrar para o sul do Brasil. Com isso, providenciaram os passaportes e as passagens marítimas, a partir da venda de alguns utensílios. O açougue, negócio que pertencia à família, ficou como herança a um dos filhos que não migrou. Tornava-se ainda uma garantia e possibilidade de retornar a Itália, caso a nova vida não desse certo.

Embarcaram no vapor no último dia de 1885. No vapor, faziam-se presentes: Domenico e a esposa Mariana e os filhos Ângelo (solteiro), Vincenzo (casado com Elisabetha) e Giuseppe (casado com Mariana Rosso) e as sete filhas (Sponchiado, 1996). Constata-se que, ao enviar primeiramente um membro da família para se certificar das condições que encontrariam no Brasil, a família extensa viu na emigração para a América, a possibilidade de ascensão econômica através da propriedade de terra.

A família Sponchiado aportou no Rio de Janeiro no final do mês de janeiro de 1886. Por não apresentarem doenças contagiosas e epidêmicas, ficaram apenas quatro dias na Hospedaria do Imigrante da Ilha das Flores. Do Rio de Janeiro seguiram para Porto Alegre de navio, de onde prosseguiram a viagem de trem até a Estação Colônia, na região central do Estado. Ao desembarcarem da estação, teriam encontrado Luigi trabalhando na sinalização da Estrada de Ferro. Segundo Sponchiado (1996), o trabalho assalariado em abertura de estradas e na construção de ferrovias era previsto no regulamento imigratório, garantindo o emprego por seis meses, sendo que 15 dias de cada mês de trabalho braçal. O restante do tempo deveria ser destinado para a preparação do lote para a produção agrícola. No entanto, parece que ainda nesse período, Luigi não teria adquirido lotes de terra e, a estrada de ferro tornou-se sua oportunidade de emprego.

No mesmo ano de 1886, à família Sponchiado foram designados lotes de terra na linha Geringonça que, mais tarde, seria denominada de Novo Treviso. Vincenzo Sponchiado e sua esposa Elisabetha foram os primeiros membros da família a receber um lote de terra. Elisabetha, que havia casado recentemente com Vincenzo, não compartilhavam com a ideia de emigrar para o sul do Brasil. Segundo Sponchiado (1996), os pais da moça, que tinham posses, também não ficaram satisfeitos com a partida da filha para outro país. Assim, percebe-se que nem eram todos os italianos que chegavam ao Brasil tinham o desejo de emigrar.

No ano seguinte de residência na colônia, Vincenzo sofreu uma queda do cavalo ficando enfermo até seu falecimento em dezembro de 1887, em decorrência dos ferimentos da queda. Vincenzo deixava o lote de terras com sua jovem esposa, viúva e grávida. Ao saber da notícia, os pais de Elisabetha resolveram enviar dinheiro para que a filha retornasse à Itália. Contudo, a sogra de Elisabetha a aconselhou a não fazer a viagem sozinha à Itália, pois estava grávida. Sugeriu então que a viúva se casasse com outro filho: Luigi Sponchiado – o primeiro membro da família a emigrar.

O casal uniu-se em matrimônio no ano seguinte (1888). O filho de Vincenzo com Elisabetha nasceu, porém sobreviveu apenas alguns meses. Da união de Elisabetha e Luigi nasceram 10 filhos (SPONCHIADO, 1996). Entende-se que Elisabetha, ao casar com Vincenzo, passou a pertencer à família do esposo. Com a morte do marido e ainda

por carregar o primeiro filho do casal, Elisabetha foi orientada a casar com outro membro da família Sponchiado para não ficar desamparada. Uma estratégia para a manutenção de um núcleo familiar extenso, capaz de articular as relações e os serviços necessários para a manutenção da pequena propriedade rural.

Com o passar dos anos, o lote de terra de 24 hectares adquirido tornou-se insuficiente para a manutenção do grupo familiar. Havia rumores que alguns vizinhos estavam partindo para a região norte do RS em busca de terras. Além disso, houve aborrecimentos na comunidade em relação ao casal Silvio e Corina. Silvio era um dos 10 filhos de Luigi e Elisabetha Sponchiado. Casou-se com Corona de Marco em 20 de junho de 1921. Moravam todos no pequeno núcleo de Novo Treviso e viviam da produção agrícola das propriedades de terra. Ironicamente, depois de oito meses de casamento, em 22 de fevereiro de 1922, Corona deu a luz ao primeiro filho do casal, que se chamaria Luiz Sponchiado, nascido de sete meses. Desta forma, é provável que esse conjunto de elementos tenha levado os Sponchiado a decisão de partir.

O recente matrimônio, seguido da gravidez, provocaram rumores na comunidade de que Corona havia casado grávida. Tais comentários teriam gerado muita tristeza ao casal. A possibilidade de uma gravidez anterior ao casamento feria um código de conduta e honra entre os camponeses do local, que ainda seguiam a moral católica. Contudo, segundo Vendrame (2013), a união matrimonial era a forma de salvar a reputação da mulher, bem como a honra da família. O casamento diminuía as fofocas em torno da moça, bem como da família. Além disso, a autora Cleci Eulália Favaro (1996, p.284) abordou as famílias de imigrantes e descendentes que buscavam garantir os valores e a moral entre os seus filhos, com propósito de assegurar um bom casamento inclusive. Por isso, “a virgindade da mulher era essencial. Se a moça caísse no ‘erro’, a família ficaria desonrada, declarando-se publicamente culpada pelo relaxamento do controle de seu comportamento”.

Em agosto de 1922, logo após o nascimento de Luiz Sponchiado, Silvio teria partido para a região norte do Rio Grande do Sul, em busca de novas terras. É provável que esses imigrantes estivessem insatisfeitos com o local onde residiam, e optaram por migrar como uma estratégia de distanciar-se dos desgostos provocados na comunidade local.

Segundo Sponchiado (1996), o lar aumentava rapidamente, com o nascimento de outros filhos de Corona e Silvio. No entanto, moravam na mesma casa onde viviam os pais de Silvio e mais três irmãos. Sendo assim, é possível que um conjunto de fatores tenha feito com que Silvio resolvesse migrar com a família. O nascimento do filho prematuro motivou comentários que provocaram mal estar na família e a busca de outro local de residência foi possivelmente para ficar longe desses rumores. O crescimento da família aumentava a demanda de produção agrícola e a migração em busca de terras férteis tornava-se uma necessidade para o grupo familiar Sponchiado. Segundo Vendrame (2013, p.216), a “mudança pode ser um indício de insatisfação pessoal, rejeição local ou ainda a possibilidade de concretizar um antigo projeto, como se fixar em um centro maior”. Em 1925, Silvio vendeu suas terras em Novo Treviso e toda a família migrou

para a região de Taquaruçu, lugar onde comprou dois lotes de terra, sendo destinado um para ele e outro para o pai. De acordo com Vendrame (2013, p.152), “as trajetórias dos imigrantes mostram que, após a chegada aos núcleos coloniais, movimentações internas ocorriam frequentemente.”

O transporte da mudança foi realizado por carroceiros até a Estação Colônia. Depois, parte do trajeto seguiu de trem até a estação Belizário. Dessa estação seguiram em caminhões até os lotes que havia adquiridos. Constata-se, dessa forma, que os imigrantes italianos que chegaram aos núcleos coloniais mantinham uma grande circulação e migravam para outras regiões do RS, em busca de novas terras e melhores condições de vida.

A narrativa que aqui fazemos segue aquela estabelecida por Padre Luiz nos seus manuscritos. Enfocando o modo como o Padre abordou a história da sua família, estamos vendo como ele tratou a história das famílias de imigrantes em geral – diante do trabalho na terra, da religiosidade, da moral e dos bons costumes. Ao mesmo tempo em que fazemos isto, dialogamos com a historiografia contemporânea e procuramos ressaltar aquilo que coincide e complementa as duas narrativas.

Padre Luiz procurava enaltecer a trajetória das famílias de origem italiana, nós queremos compreender o que esta narrativa tem de pontos de contatos com a narrativa historiográfica. Ao utilizarmos os manuscritos do Padre Luiz, estamos investigando como um descendente de imigrante – sem conhecimentos históricos acadêmicos - abordou o fenômeno. A partir dos manuscritos de Padre Luiz Sponchiado, revela-se a forma como os italianos chegaram aos núcleos coloniais, circularam e migraram para outras regiões do Estado em busca de melhores condições de vida.

Os fatores que provocaram a decisão dos Sponchiado não estão apenas ligados ao crescimento da família e a pouca produtividade para o sustento familiar. É possível que esses imigrantes estivessem insatisfeitos com o local onde residiam e optaram por migrar como uma estratégia de distanciar-se dos desgostos gerados pelo local.

Da instrução escolar ao sacerdócio: meios e possibilidades da vocação religiosa

Em obras⁴ produzidas sobre o Padre Luiz Sponchiado, feitas a partir dos depoimentos do pároco, a sua família é apresentada como altamente religiosa. Silvio, o pai de Padre Luiz, foi quem o ensinou as orações e o hábito da leitura da *Bíblia* (ROSSATTO, 1996). Sendo assim, o pároco atribuiu a sua vivência religiosa familiar como o primeiro elemento que irá despertar a sua vocação para o sacerdócio⁵.

Provavelmente no ano de 1929, o menino Luiz tenha iniciado seus estudos em uma pequena escola, localizada em Taquaruçu do Sul. “Em março de 1929⁶, meu pai me apresentou a matrícula da Escola Professor João Fontana, na primeira igreja, bem

⁴ Ver mais em: Rossatto (1996) e Sponchiado (1996).

⁵ Cogitou-se a possibilidade de Corona ter casado grávida e, assim, encaminhar o filho para a vida religiosa como forma de purgar a falta cometida e calar os comentários maldosos.

⁶ Encontramos outros documentos que sugerem que padre Luiz teria iniciado seus estudos em 1930 – isso indica a confusão de dados e informações que os manuscritos do sacerdote apresentam.

estragada de S. Roque, onde frequentei até 1933, chegando a então [a] seleta, que significa hoje a 5º série”⁷.

Vale destacar a importância que a família de padre Luiz deu a instrução escolar dos filhos – outros irmãos do sacerdote também ingressaram na escola –, mesmo sendo um grupo familiar que vivia da produção agrícola e tendo poucos recursos. Silvío poderia estar vislumbrando o futuro dos filhos longe do trabalho agrícola, ao encaminhar a escola. A família era numerosa e, possivelmente, não haveria propriedade para todos. O pai, ao encaminhar os filhos à instrução escolar, estaria possibilitando os filhos para exercerem outras atividades profissionais, abrindo-lhe outras oportunidades.

A vontade de seguir a vida religiosa foi sentida, pela primeira vez, pelo menino Luiz através das “Santas Missões”. A Igreja Católica tinha interesse em aumentar o quadro de religiosos (sacerdotes, irmãos e freiras) e, por isso organizava as missões com o propósito de recrutar meninos e meninas para ingressarem na vida dos seminários e conventos (POSSAMAI, 2005), através de missionários católicos que andavam pelas comunidades com a intenção de fortalecer a fé e a religiosidade, oferecendo uma nova maneira de evangelização. De acordo com Possamai (2005, p.197), “as Santas Missões [...] visitavam as colônias, causando um forte efeito entre os colonos, já que enfatizavam em seus sermões a necessidade de salvação individual da alma”. Em manuscritos, o sacerdote deixou o seguinte relato:

Lembro o ano de 1932, quando em fevereiro Missionários Capuchinhos, pregaram fervorosa Missão duma semana e, na praça, no domingo final, chantaram a cruz de madeira. A figura do religioso sobre uma mesinha pregando, despertou-me pela primeira vez a IDEIA DE SER PADRE CAPUCHINHO. Muito apoiado pela catequista e sacristão nono Munaro, pais e avós.⁸

A relação com os missionários em Taquaruçu despertou no menino Luiz o desejo de tornar-se sacerdote, ganhando destaque em seu manuscrito ao escrever em letras garrafais. Além disso, não eram apenas os religiosos que estimulavam a entrada na vida religiosa, como mencionou o sacerdote acima. As catequistas também colaboraram para despertar nos jovens a vocação religiosa, como aconteceu com Luiz. (POSSAMAI, 2005); (SILVA, 2003).

A família do menino Luiz contribuiu para a formação de vocações sacerdotais em seu meio familiar. O ingresso no seminário representava a possibilidade da criança estudar, mesmo que não se tornasse religiosa. Por fim, retrata Silva (2003, p.199),

⁷ Manuscrito de padre Luiz Sponchiado, de fevereiro de 1995. In: Caixas de Padre Luiz Sponchiado. Centro de Pesquisas Genealógicas, Nova Palma.

⁸ **Manuscrito de Padre Luiz Sponchiado.** Caixa Vocações religiosas. Centro de Pesquisas Genealógicas.

Para a maioria dos colonos que trabalhava com a terra, a possibilidade de acesso à educação para os filhos e filhas, via seminário e instituições religiosas, representou uma das estratégias a que se recorreria como forma de preparar aquela parcela de membros da família que seria expulsa da propriedade paterna, uma vez que a reprodução de todos os seus membros inviabilizaria a manutenção da propriedade.

No entanto, o fator definitivo para o menino Luiz ingressar na vida sacerdotal aconteceu em fevereiro de 1934, quando seu pai foi chamado para conversar com Padre Vitor Batistella – novo vigário de Barril. O padre estava recrutando meninos para o seminário, “atendendo às repetidas circulares da Cúria Diocesana, encarecendo a obra dos seminários”, e colaborando na chamada Obra das Vocações Sacerdotais. Os meninos eram observados e colocados à prova da vocação religiosa e da qualidade de seu desempenho – e o menino Luiz chamou a atenção do pároco (SPONCHIADO, 2003, p. 283). Em missões anteriores, o pároco de Barril havia recrutado o primo de padre Luiz Sponchiado, Abílio Sponchiado – que foi outro de seus incentivadores para que seguisse a vida sacerdotal. Abílio teria sido quem apresentara Luiz Sponchiado ao padre Vitor Batistella. Nesse sentido, SILVA (2003, p. 195), ao abordar as vocações religiosas no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, percebeu que as ordens religiosas foram fundamentais na criação de novas vocações. Segundo a autora, as ordens religiosas foram as “responsáveis por tantas vocações, pois frequentemente passavam nas localidades da região para visitar as famílias, facilitando e incentivando as vocações”.

Percebeu-se que, no ambiente que vivia o menino Luiz havia um forte apelo ao religioso. O pai era chamado pelo pároco para falar a respeito do filho que tinha inclinação para a vida religiosa, a qual não era estranha a esse universo familiar. As vocações religiosas tinham lugar, valor e eram incentivadas. Aquele que tomava a dianteira quanto à opção pela vida religiosa – no caso, o primo Abílio em relação ao menino Luiz – deveria ser seguido pelos demais familiares. Silva (2003, p.103) constatou que, com “a formação das vocações dentro da própria família, ganhava-se [...] um poder maior de influência”. Quando havia um membro da família que seguia a vida religiosa, este poderia influenciar os demais para a mesma trajetória.

Contudo, a situação econômica da família era um empecilho para o ingresso de Luiz Sponchiado no seminário. Havia a necessidade da aquisição de um enxoval seminarístico e o grupo familiar não tinha recursos para a compra. O sacerdote deixou um depoimento, o qual narrou como foi adquirido o material para a confecção de seu enxoval:

De manhã, engarupado na mula, acompanhei o pai, até Taquaruçu, para adquirir o enxoval seminarístico. Timidamente o pai, expôs a situação ao negociante da família Caetano Zanchet, que para decidir se venderia fiado ou não, mandou chamar dos fundos do

casarão de madeira a mãe Dona Catarina, viúva. [...] O pai ameaçou então, que iria ao negociante fronteiro, Antônio Siliprandi, ‘pois o filho não deixaria de ir ao seminário’. Diante da justificativa e da concorrência que havia, aceitaram... (SPONCHIADO, 1996, p.130).

Com esse testemunho, verificamos o empenho de Silvio para que seu filho Luiz pudesse adquirir o enxoval para ingressar no seminário. O esforço que Silvio e sua família fizeram para enviar e manter padre Luiz Sponchiado no seminário pode ser justificado pelo lugar simbólico que a figura do sacerdote representava nas comunidades de descendentes de imigrantes: uma figura divinizada, um representante de Deus. Sendo motivo de prestígio e status para o grupo familiar perante a sua comunidade. Além disso, tornava-se “uma estratégia possível de reprodução do campesinato”, pois diminuía o número de herdeiros entre os quais seria dividida a pequena propriedade rural (SILVA, 2003, p.103).

No entanto, podemos perceber a forma como padre Luiz Sponchiado elaborou o início de sua trajetória sacerdotal: a partir de uma forte religiosidade familiar, a superação das dificuldades econômicas e a conquistado êxito final. A decisão de entrar no seminário e o florescimento de mais uma vocação sacerdotal foram construídos como uma espécie de epopeia. Padre Luiz Sponchiado aproximou sua trajetória sacerdotal a uma saga – o que remete à trajetória do imigrante e de sua família, marcada por sofrimentos e desafios, mas o sucesso final é sempre alcançado.

A entrada na vida religiosa representava a possibilidade da continuação dos estudos para meninos e meninas. Uma minoria de pais agricultores aspirava para seus filhos o estudo, que significava um bem cultural que só seria possível com a ida ao seminário ou convento – mesmo que o indivíduo não viesse a tornar-se um religioso (SILVA, 2003).

Ao ingressar no Seminário Menor Diocesano São José, em Santa Maria, a 26 de fevereiro de 1934, padre Luiz Sponchiado pode dar continuação aos seus estudos – cursar o ginásio e o colegial – e ter a orientação da Companhia de Jesus. Segundo Sponchiado (2003, p.49), “a formação do clero secular e regular se constitui em uma das metas da Companhia de Jesus, desde a sua fundação, em 1534, por Inácio de Loyola”. A continuidade dos estudos atraía jovens como Luiz Sponchiado a entrar no seminário.

Em 1940, padre Luiz Sponchiado ingressou no Seminário Central de São Leopoldo, onde cursou o trienal de Filosofia, entre 1940 a 1942, e o quadrienal de Teologia, entre 1943 a 1946, dando continuidade aos estudos e a sua formação sacerdotal⁹.

No seminário Maior de São Leopoldo, padre Luiz Sponchiado estudou datilografia. A técnica de escrever através de uma máquina foi procedimento importante

⁹ Certificado de estudos de filosofia e teologia. In: Caixa Padre Luiz Sponchiado – vocações. Centro de Pesquisas Genealógicas.

na sua formação sacerdotal, a qual desempenhou até os últimos dias de vida. Foi através da datilografia que o sacerdote construiu a maioria de seus documentos – que chamamos de manuscritos – que foram utilizados nessa pesquisa. O exercício trazido do seminário foi incorporado na sua dinâmica de trabalho enquanto pesquisador da imigração italiana e da genealogia.

No entanto, padre Luiz Sponchiado parece ter vivido um processo de crise vocacional durante um período da sua formação. Ainda no seminário, em São Leopoldo, recebeu a notícia sobre o falecimento do pai, ocorrida de forma inesperada e trágica. Em 30 de setembro de 1941, Silvio faleceu em virtude de uma queima da roça, que ele mesmo havia ateadado. Os detalhes sobre a morte do pai, o jovem Luiz Sponchiado só soube dias depois, quando pediu dispensa do seminário para visitar a família. A morte repentina do pai, as situações econômicas e emocionais da família levaram o rapaz enfrentar uma possível crise vocacional, permanecendo de outubro a março na casa da família.

Devido à situação em que se encontrava o grupo familiar, Luiz Sponchiado “tomou a resolução de abandonar os estudos e ficar ajudando a necessitada família, como irmão mais velho” (SPONCHIADO, 1995, p.140). Todavia, a insistência da família, bem como de padre Vitor Batistella fizeram com que o jovem retornasse ao seminário em março de 1942. A permanência no seminário constituía status e prestígio diante da comunidade, no momento em que fosse ordenado sacerdote. Nesse sentido, Silva (2001) explicou que dentro das famílias de pequenos proprietários, alguns deviam sair da propriedade, para que os outros filhos pudessem permanecer. A saída era o seminário e o convento, onde poderiam estudar e seguir a vida religiosa. Pois ter um filho padre ou irmã religiosa significava prestígio e status da família diante da comunidade– além de diminuir o número de filhos e herdeiros que iriam dividir o uso e a partilha da pequena propriedade. Ser padre ou irmã expressava algo divino e também uma vinculação da família com os planos de Deus. Para a instituição religiosa, expressava o entrosamento da Igreja com as famílias, com a sociedade colonial, e a perpetuação do prestígio e poder do catolicismo. No Rio Grande do Sul, a Igreja sempre se orgulhou de se nutrir de quadros oriundos desse “celeiro religioso” que durante muito tempo foi a sociedade colonial de matriz imigrante.

É provável que o choque com a morte brutal de seu pai tenha levado o jovem seminarista a uma possível crise vocacional. Mas entende-se que o padre, ao relatar essa vivência, utilizou-se dessa tensão para enaltecer a sua caminhada religiosa, isto é, apesar das dificuldades enfrentadas com a morte do pai e a sua possível desistência do seminário, ele insistiu na vida sacerdotal e conseguiu ordenar-se padre. Padre Luiz Sponchiado construiu essa imagem diante da religiosidade de sua família e das adversidades enfrentadas, que resultaram no êxito final durante sua formação para explicar a sua trajetória na vocação sacerdotal.

Enfim, em 15 de dezembro de 1946, veio à ordenação sacerdotal de Luiz Sponchiado, em Frederico Westphalen, motivo de orgulho para sua família. Dessa forma, a trajetória da vocação sacerdotal de padre Luiz Sponchiado serviu para compreendermos a importância que tinha um filho sacerdote nas famílias de imigrantes. Era tanto um

motivo de prestígio e status à família e à comunidade, como significava um meio de oferecer estudo e outras possibilidades profissionais aos jovens filhos de camponeses. E, obviamente, uma questão de vocação nutrida a partir de fortes vínculos com líderes religiosos.

Em 1956, Padre Luiz foi designado pároco em Nova Palma – local onde o sacerdote prestou assistência religiosa, trabalhando na dinamização da comunidade, aumentando seu status. Dessa forma, padre Luiz Sponchiado articulou as demandas de emancipação político-administrativa dos municípios da Quarta Colônia; as preocupações econômicas através da fundação de uma cooperativa agrícola, com o intuito de escoar e vender a produção agrícola dos agricultores locais; e, principalmente, o fortalecimento da identidade da população com a matriz imigratória e católica através de ações culturais por ele organizadas e desenvolvidas, como, por exemplo, as comemorações do Centenário da Imigração Italiana e a construção do Centro de Pesquisas Genealógicas. Consciente do seu lugar numa comunidade de matriz colonial italiana, Padre Luiz desdobrou suas atividades para o campo da pesquisa genealógica e histórica e atuou para o reforço da identidade coletiva, assunto tratado a seguir.

A (re) invenção da Quarta Colônia

A reinvenção da Quarta Colônia culminou com as comemorações do Centenário da Imigração Italiana na região. A partir de 1975, a Quarta Colônia viveu as comemorações da Imigração Italiana. Cada município e localidade festejaram de sua forma tais festejos. Comemorações que aconteceram até 1984, por exemplo, no município de Nova Palma, foco desse estudo devido à atuação efetiva de Padre Luiz Sponchiado.

Segundo a documentação deixada pelo pároco no CPG, ele teria sido o coordenador da solenidade, por encargo do Bispo da Diocese de Santa Maria, Dom Ivo Lorscheiter, e a ela acrescentou todo o trabalho de pesquisa que vinha realizando. O sacerdote, que já realizava pesquisas históricas e genealógicas a respeito de sua família, com o convite de presidir as comemorações do Centenário, estendeu as pesquisas para todas as famílias de imigrantes e descendentes que circularam na região da Quarta Colônia.

A festa dos 100 anos da imigração italiana ganhou traços religiosos, buscando enaltecer os origens, a criação de uma memória que daria sustentação a uma identidade de matriz italiana entre a comunidade local.

Os festejos do Centenário da Imigração e Colonização Italiana na Quarta Colônia foram organizados pela Igreja Católica e a comunidade buscando referenciar a figura do imigrante como aquele que superou os problemas e alcançou o êxito. Essa exaltação do passado do colonizador, muitas vezes veio com um sentimento de superioridade em relação às outras etnias. Na cidade de Nova Palma, Padre Luiz Sponchiado indicou a presença de nacionais juntamente com os italianos no processo de colonização local, mas sempre se referindo aos italianos em primeiro plano. Sobre isso, o

pároco dialogou com os moradores novapalmenses, na missa de Nossa Senhora de Lourdes:

“DESCENDENTES DE TÃO NOBRE ESTIRPE, importa, guardarmos essa HERANÇA. Não só porque era deles, mas porque é a de Maria Santíssima e sua família.
- Importa conservar com inexcusável fortaleza, contra tudo e contra todos, porque esta é nossa identidade, DE DESCENDENTES DE IMIGRANTES CENTENÁRIOS. Visto que ‘quem perder sua identidade... nada mais tem a perder...’¹⁰”

Nesse discurso do sacerdote é possível identificar a relevância e superioridade dada à origem italiana, devendo ser carregada por cada descendente como uma herança e algo divino também. Ao analisar o Plano Paroquial de Nova Palma do ano de 1984, verificou-se que um dos projetos que envolvia o Centenário tinha como objetivo a realização de estudos e palestras sobre os costumes e as tradições italianas para a população. Com esse universo da imigração e colonização italiana é que o indivíduo passou a se identificar, conservando tradições e costumes para garantir a manutenção da identidade. Padre Luiz identificou a “identidade italiana” como uma marca ligada à história familiar dos membros da região da antiga colônia de imigração e a reverenciou como bem precioso. No momento em que o indivíduo perdesse essa identidade, perderia sua história e a direção para seguir em frente.¹¹ E assim, é este enaltecimento da “raça” o que leva os descendentes a acreditarem na superioridade em relação aos demais.

O propósito de lembrar os antepassados imigrantes italianos fez com que uma parcela considerável da população local se identificasse como pertencentes a um mesmo grupo, que tem a mesma origem¹². O Centenário da Imigração Italiana em Nova Palma, bem como o Centro de Pesquisas Genealógicas tornaram-se importantes meios de criação de uma memória local e de garantir uma identidade italiana, as histórias de famílias e suas origens.

As ações de padre Luiz Sponchiado foram importantes meios de afirmação de uma identidade na Quarta Colônia. Através de suas atuações político-religiosas e culturais – a busca pela emancipação da Quarta Colônia em único município, as comemorações do Centenário da Imigração Italiana na região, a construção do Centro de Pesquisas Genealógicas, a organização de festas de famílias – foi possível promover a construção da

¹⁰ Festa da Gruta de Nossa Senhora de Lourdes. In: Caixa A. Matriz. Centro de Pesquisas Genealógicas.

¹¹ A célebre frase, “povo que não preserva as suas raízes, perde sua identidade e, perdida esta, nada mais tem a perder”, foi muitas vezes dita por Padre Luiz Sponchiado para a comunidade local.

¹² A origem, nesse sentido significa os imigrantes italianos que emigraram da Itália para o Brasil, para instalarem-se na Quarta Colônia, lugar onde adquiriram lotes de terras

memória para a manutenção da identidade entre a comunidade. Segundo Weber (2006, p.238):

Os grupos sociais assim como os indivíduos [...] têm direito de formular suas próprias identidades nos termos que [se] achar mais oportunas. De resto, sabe-se que algumas formulações são elaboradas por líderes conscientes da necessidade de se fazerem conciliações entre as tendências mais endógenas das comunidades e as pressões para a integração da sociedade envolvente.

As ações de Padre Luiz Sponchiado contribuíram para a constituição da história das famílias da Quarta Colônia. Buscou-se a identificação comum entre a comunidade, relacionando-a com o passado da imigração italiana. O processo é promovido através de festas, missas, desfiles históricos, cursos de tradição e costumes, a criação do CPG, no qual há a exaltação do imigrante italiano – como indivíduo vencedor das adversidades e marcado pela fé e pelo trabalho – é a nota dominante.

As narrativas em comum entre os moradores da região estão conectadas ao passado vivido pelos imigrantes italianos, dos quais a maioria da população é descendente, e encontram-se no acervo do CPG – extensas listas de dados genealógicos das famílias de origem italiana –, que guarda e preserva a história dessa comunidade. Padre Luiz Sponchiado pode ser considerado guardião desse conhecimento, pela criação e organização do acervo e por ter escrito a história dos imigrantes e descendentes de italianos através do seu posicionamento, de seus julgamentos morais e das versões que deu aos fatos.

O reforço da identidade italiana na Quarta Colônia tornou-se um dos resultados das atuações de padre Luiz Sponchiado, no instante em que a comunidade entendeu que o passado dos imigrantes colonizadores faz parte do seu presente. Para entender este processo, levou-se em conta as ações do pároco para afirmação de um sentimento de pertencimento na região, sabendo que existem várias formas de italianidade nesse local, decorrentes de seus momentos históricos. A antropóloga Zanini (2006, p 249) conferiu que a italianidade sofreu diferentes formas de elaboração e expressão, segundo as diferentes ocasiões históricas. Para Maria Catarina Zanini, não há uma única italianidade, mas, sim, várias formas distintas que expressam o sentimento de pertencimento.

Padre Luiz Sponchiado foi uma liderança política local que tinha consciência da formulação de uma identidade com matriz italiana e, a partir de suas ações político-religiosas e culturais, tornou-se um agente dessa elaboração e expressão. O sacerdote auxiliou na elaboração de um sentimento de pertencimento da população, que correspondeu às transformações e de momentos históricos daquele período.

Sobre as ações do sacerdote, constatou-se a identificação e o sentimento de pertencimento da comunidade em relação a uma identidade: no momento em que a comunidade reconheceu o Padre Luiz como guardião da memória da Quarta Colônia, no

momento em que compreendeu que o CPG era um lugar da memória dos antepassados, o projeto se efetivou. Com as ações do padre e a formação do acervo, houve troca de informações a comunidade e o padre. Passado e presente se articularam e ganharam uma narrativa que se difundiu. Com a formação do acervo, constituído com dados fornecidos pela comunidade, a população passou a buscar no CPG as informações do passado que necessitava.

Além disso, entendeu-se que a realização de festas de família, no qual descendentes com o mesmo sobrenome de origem italiana solicitam um encontro para recriar o passado, tinham no acervo do CPG uma fonte fundamental. Um passado que foi esquecido passou a ser organizado, enaltecido e até heroicizado pelos descendentes, criando uma espécie de odisséia.

Pode-se dizer que, a Quarta Colônia vive um processo constante de reforço e manutenção de aspectos que permitam assegurar a identidade italiana. Desde o final da década de 80, algumas ações conjuntas trabalharam na “revalorização da cultura local com base no desenvolvimento sustentável da comunidade”. Tais projetos já experimentados na região, como o PROI (Projeto Identidade), PREP (Projeto Regional de Educação Patrimonial), e o PRODESUS (Projeto de Desenvolvimento Sustentável), procuraram potencializar os recursos culturais, sociais e naturais da região, como uma forma de estratégia para o desenvolvimento local, na (re)construção da própria identidade (BOLZAN, 2011, p.252).

Dessa forma, percebemos que a identidade da Quarta Colônia é reelaborada segundo a carência da comunidade, a qual não permanece de forma única e genérica. Todavia, essa pesquisa preocupou-se em entender como o padre Luiz Sponchiado atuou e articulou suas ações nos campos político, religioso e cultural em prol da afirmação de uma “identidade italiana” na Quarta Colônia. O pároco foi um indivíduo que buscou no passado histórico da comunidade, as formas de elaborar um sentimento de pertencimento à região, colonizada por uma maioria de italianos. Com isso, auxiliaram na constituição de uma memória local voltada aos antepassados, através da realização de festas de família, missas festivas, desfiles históricos, entre outros eventos, que resultaram na (re)afirmação de uma identidade de matriz italiana na Quarta Colônia.

Considerações finais

O estudo sobre a trajetória de padre Luiz Sponchiado e sua afeição à pesquisa histórica, se fez necessário na tentativa de entender como as ações político-religiosas e culturais do pároco colaboraram para a narrativa das famílias da Quarta Colônia, em decorrência do fortalecimento de uma identidade italiana. Para uma melhor compreensão desse indivíduo, houve a necessidade de averiguar a sua história familiar, bem também a sua formação religiosa, não no sentido de linearidade ou predestinação, mas sim de encontrar os aspectos que contribuíram para as escolhas, decisões e ações na Quarta Colônia.

A condição de padre o auxiliou a desenvolver suas ações nos campos político, religioso e cultural na Quarta Colônia. Na tentativa de compreender a posição que ele

ocupava na sociedade, recorreu-se a sua trajetória religiosa, pois a vocação religiosa tornava-se, naquele período, uma oportunidade de meninos e meninas saírem do trabalho no campo, buscando outras possibilidades de atividade profissional, mesmo que fosse a trajetória religiosa. Padre Luiz Sponchiado seguiu o caminho religioso, tornando-se padre e, devido a sua posição privilegiada, desempenhou ações dentro da comunidade em que trabalhou como padre, buscando o bem-estar social.

Como pároco de Nova Palma, a partir de 1956, padre Luiz Sponchiado buscou a emancipação dos antigos núcleos coloniais. A ideia era formar um grande município que juntasse todos os antigos núcleos coloniais. Apesar das tentativas, o que ocorreu foi à emancipação dos diferentes núcleos e a criação de sete municípios.

Por fim, padre Luiz Sponchiado auxiliou na reinvenção da Quarta Colônia, sendo que essa expressão teria origem na formação da colônia, no final do século XIX. A expressão passou a ser empregada novamente pelo sacerdote em reuniões preparatórias dos festejos do Centenário da Imigração Italiana. Representando esse quarto núcleo colonial, padre Luiz passou a denominá-lo “Quarta Colônia”. Termo que parece ganhar força nesse período, com os festejos do Centenário da Imigração Italiana, em 1975. Dessa forma, foi criado o Centro de Pesquisas Genealógicas, acervo de documentos sobre a história das famílias de imigrantes e descendentes de italianos que circularam e/ou estabeleceram-se na Quarta Colônia. Percebe-se, que padre Luiz Sponchiado, através de suas ações político-religiosas e culturais, auxiliou na afirmação de uma identidade italiana, vinculada aos antepassados imigrantes e colonizadores, uma identidade hoje consolidada e que tem servido de norte para seus habitantes, suas lideranças e alimentado diversas ações políticas, sociais, culturais e econômicas da região. Uma identidade que tem servido a construção de um imaginário vigoroso, que procura aproximar a Quarta Colônia de sua antiga e distante matriz italiana.

Referências Bibliográficas

- BENEDUZZI, Luís Fernando. *Imigração Italiana e catolicismo: entrecruzando olhares, discutindo mitos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.
- DAVIS, Natalie Zemon. *O retorno de Martin Guerre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.
- FAVARO, Cleci Eulália. Amor à italiana (o real e o imaginário nas relações familiares na Região de Colonização Italiana no Rio Grande do Sul). In: DE BONI, Luís A. *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: EST, 1996. V.3. (281-286p.).
- HERÉDIA, Vânia. Os imigrantes italianos na formação econômica regional no Rio Grande do Sul. In: ZANINI, Maria Catarina; TEDESCO, João Carlos. *Migrantes ao Sul do Brasil*. Santa Maria: Editora UFSM, 2010. (p.211-229).
- MAESTRI, Mário. *Os senhores da Serra: a colonização italiana no Rio Grande do Sul (1875-1914)*. Passo Fundo: UPF, 2005.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento e silêncio. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

- POSSAMAI, Paulo. *"Dall'Itália siamo partiti": a questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1945)*. Passo Fundo: Ed. UPF, 2005.
- SILVA, Marilda R. G. Checcucci Gonçalves da. *Imigração Italiana e vocações religiosas no Vale do Itajaí*. Campinas: Ed. FURB/ Ed. UNICAMP/ Centro de Memória da UNICAMP, 2001.
- SPONCHIADO, Breno Antônio. *Imigração e 4ª Colônia: Nova Palma e Pe. Luizinho*. Santa Maria: EDUFMS, 1996.
- ROSSATO, Jucemara. *Padre Luiz Sponchiado: um empreendedor em Nova Palma*. 1996. 92 f. Monografia (Graduação em História) – Faculdades Franciscanas, Santa Maria, 1996.
- VENDRAME, Máira Inês. *Ares de vingança: redes sociais, honra familiar e práticas de justiça entre imigrantes italianos no sul do Brasil (1878-1910)*. Tese de doutorado. Porto Alegre, 2013.
- ZANINI, Maria Catarina C. *Italianidade no Brasil Meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2006.
- WEBER, Regina. Imigração e identidade étnica: temáticas historiográficas e conceituações. In: *Dimensões*. Vitória: Dep. História/ UFES, 2006. V.18, p.236-250.